

# 303 Cineasta conclui filme no enterro de Tancredo

Há 13 anos, o cineasta paraibano-brasiliense, Vladimir Carvalho, filma Brasília em sua vida cotidiana e nos momentos políticos de caráter monumental. Na noite do último domingo, ao tomar conhecimento da morte do presidente Tancredo Neves ele concluiu que chegara a hora de finalizar seu quarto longa-metragem, intitulado *Companheiros Velhos de Guerra*. "Compreendi, conta ele, que a morte do Doutor Tancredo significava o marco, o divisor de águas, o fato mais significativo desde que se iniciou o término do regime militar".

Com este espírito, Vladimir reuniu sua equipe e foi para o Eixo Rodoviário e imediações do Palácio do Planalto, filmar o cortejo fúnebre, o velório do Presidente e a reação dos populares. Foi carregado de emoção, pois acreditava, com "muita convicção", no projeto político do mineiro Tancredo Neves. O cineasta afirma não ter visto, em toda sua vida, um Presidente com tanto apoio nos meios artísticos e intelectuais. "Todos nós acreditávamos que ele faria a restauração da democracia, reconstruiria o novo Brasil. Estavam irmados com ele, num grande mutirão".

Nestes 13 anos Vladimir vem, com sua câmera, registrando acontecimentos que se passam na Esplanada dos Ministérios, sem esquecer-se das cidades-satélites e favelas. Nesta trajetória, já registrou fatos de grande impacto como a chegada dos tricampões a Brasília, em 1970; o enterro de JK, em 1976; a campanha pelas diretas e a decretação das medidas de emergência, em abril de 84, e a posse frustrada de Tancredo, em 15 de março último. Agora, acha que chegou a hora de encerrar o filme. O novo Brasil que virá, diz ele, poderá gerar outro longa-metragem. Para mim, a morte de Tancredo numa hora tão importante, é o fecho de *Companheiros Velhos de Guerra*.

Vladimir estava no Nordeste, quando Vargas suicidou-se, no Palácio do Catete, Rio. Ele se lembra da comoção que o fato causou à vida brasileira. "Dias antes, conta, Vargas visitaria o Nordeste. Lembro-me bem de um popular que tentou aproximar-se dele para entregar-lhe uma carta, mas foi impedido, com brutalidade, por um segurança. O País todo chorou a morte de Vargas. Tenho, porém, para mim, que a morte do Dr. Tancredo acontece num momento muito especial da vida brasileira. Estamos reconquistando o espaço democrático e a presença dele era vital. Frente a esta fatalidade, temos que fazer esforço para sermos dignos de seu exemplo. Afinal, em 39 dias de agonia, ele se sacrificou e tudo fez para resistir. Vejo-o nesta hora, como uma figura quase insubstituível".

Outro ponto chama atenção do cineasta Vladimir Carvalho: o fato do Presidente ter morrido no dia 21 de abril, data do martírio de Tiradentes e da inauguração de Brasília pelo mineiro Juscelino Kubitschek.

— Para mim, esta data tem um significado simbólico muito especial. É um dado que a fatalidade nos coloca e que assume uma dimensão até estética. É forte, não se pode negar, receber a notícia da morte do Dr. Tancredo, no dia em que a Nação brasileira homenageia Tiradentes e comemora o 25º aniversário da fundação de Brasília.

A morte dos presidentes Castello Branco e Costa e Silva não marcou a vida de Vladimir Carvalho: "Eles eram figuras distantes do povo, anódinas. No caso específico de Costa e Silva, vale lembrar que trazia imagem marcada pela omissão e descomprometimento com as causas populares".

## DESESPERANÇA

Sé o cineasta Vladimir Carvalho foi para a rua, com sua equipe cinematográfica, comovido e triste pela morte de Tancredo Neves, o mesmo não aconteceu com outro artista: o poeta e ancião Oswaldino Marques.

O autor de *Laboratório Poético* de Cassiano Ricardo e fundador do Departamento de Letras e Tradução (hoje Departamen-

to de Letras e Lingüística) da Universidade de Brasília recebeu a notícia "com equilíbrio e tranqüilidade". Isto só foi possível porque o escritor "não alimentava esperanças com o projeto político anunciado por Tancredo Neves".

— Se com relação a Tancredo eu mantinha uma muito vaga esperança, com relação a José Sarney, então, não guardo nenhuma expectativa. Ele é um democrata de última hora.

Para Oswaldino, a esperança do Brasil está no povo, e não em políticos ligados às elites: "Só acredito em uma real democratização do País, se houver participação das bases, ou seja, do povo, organizado em seus sindicatos e associações profissionais".

Neste momento em que o País atravessa hora difícil, Oswaldino encontra calma para dizer que "a morte de Tancredo é um episódio como outro qualquer". E vê, com postura crítica, "o excesso de reza e o clima de fanatismo religioso que passou a dominar o País, nos últimos 40 dias".

O escritor, porém, crê que "a comoção que domina o povo brasileiro é passageira". Para ele, "ela aconteceu como no suicídio de Vargas, que acabou, momentaneamente, transformando ele em herói". Dentro do clima psicológico dominante, acrescenta, o povo sofreu um abalo sentimental e esqueceu-se dos 24 anos de ação política autoritária desenvolvidos por Getúlio". Reconfirma Oswaldino Marques, saber que "este período de comoção é passageiro" e que "não deixa marcas mais profundas".

Como Sarney, Oswaldino Marques é maranhense. Lembra-se, até, que foi convidado pelo escritor, hoje Presidente, para participar de uma editora responsável pela publicação do jornal literário *Ilha*. Deste jornal e do grupo editorial participavam Ferreira Gullar, Bandeira Tribuzzi, Luci Teixeira, Carlos Madeira e Sarney. Oswaldino não aceitou, pois discordava das idéias do grupo. Hoje, faz questão de destacar a ação de dois membros da editora: Gullar, anos mais tarde, tornou-se um intelectual atuante. Reencontramo-nos em situações especiais. Certo dia, vi uma pessoa pregando panfletos num poste. Aproximei-me. Era Ferreira Gullar, que colava convocações para a greve dos bancários. Ele se afastou de seus tempos em São Luís e de sua primeira fase no Rio, ambos muito alienados. O outro nome que Oswaldino destaca é o de Bandeira Tribuzzi: "Mais tarde, um intelectual da maior dignidade militante ativo das causas populares".

Sarney, porém, não desperta nenhuma esperança em Oswaldino: "Ele tornou-se democrata por senso de oportunidade. Usa a democracia como uma máscara".

## NEGROS

Lydia Garcia Bezerra de Mello, militante do Centro de Estudos Afro-Brasileiros, conselheira do Memorial Zumbi e professora de Educação Artística na Escola Normal e Faculdade Dulcina, está "comovida" com a morte do presidente Tancredo Neves. Ela confessa que tinha esperança no restabelecimento do Presidente. "Eu e meus filhos continuávamos achando que ele se recuperaria. Tínhamos uma enorme dose de esperança".

Para Lydia, com a morte de Tancredo, estamos "órfãos de pai". A Nação, porém, "é a mãe da Nova República". Por isto, ela espera que o projeto de Tancredo Neves tenha seguimento. E com grande emoção que lamenta a morte do Presidente. Afinal, nos últimos meses, ela viu no ar a mesma esperança presenciada no começo dos anos 60, quando verdadeiro mutirão construiu Brasília. Lydia era um dos membros daquele mutirão.

De Tancredo Neves, ela guarda imagem especial. "Em dezembro passado, fomos ao seu escritório de campanha, no Setor Comercial Sul, levar as reivindicações da comunidade negra. Eramos um grupo grande, onde estavam Wagner Nasci-

mento, prefeito de Uberaba; o sociólogo Clóvis Moura, e o deputado Abdias Nascimento, representantes de movimentos negros de São Paulo, Brasília e outras regiões. O Presidente nos recebeu com alegria e nos prometeu atenção especial para a questão negra. Falou com desenvoltura sobre o Memorial Zumbi, o Quilombo de Palmares, a Serra da Barriga. Demonstrou grande interesse pelos temas da cultura e história negras. Saimos de lá cheios de esperanças".

Com a proximidade do centenário da abolição da escravatura (13 de maio de 1988) Lydia espera que o presidente José Sarney cultive as mesmas preocupações do Presidente que substitui.

Para ela, o fato da morte de Tancredo acontecer no dia 21 de abril é muito significativo. "Se assumirmos uma postura espiritualista, veremos que há datas marcantes na vida do Presidente, que têm muito a ver com momentos decisivos da vida brasileira. Ele teve que operar-se hora antes de tomar posse, na Quinta-feira Santa, sofreu recaída que deixou a Nação muitíssimo preocupada. Sua morte, então, corre num dia de grande peso simbólico para os brasileiros: o 21 de abril, data de morte de outro mineiro ilustre, Tiradentes, e, também, dia em que outro mineiro Juscelino Kubitschek, inaugurou Brasília".

## LIBERALISMO

O poeta e professor Hermenegildo Bastos está "emocionado" com o momento vivido pelo País. Simpatizante do PT (Partido dos Trabalhadores) ele confessa não ser um tancredistas ferrenho. Não nega, porém, que a adesão do povo brasileiro ao projeto político de Tancredo Neves é sinal de que ele, de alguma forma, compreendia as mais profundas reivindicações populares.

"Hoje, acrescenta Hermenegildo, constatamos uma hegemonia da ideologia liberal. E mesmo não sendo partidário desta ideologia, tenho que admitir que ela está ai, bem configurada. Os meios de comunicação de massa, inclusive, têm colaborado, enormemente, para consolidá-la, condicionando o povo aos princípios do liberalismo. Creio, porém, que esta ideologia só cresce, porque contra certa receptividade popular".

O escritor vê "os meios de comunicação trabalhando o lado emocional e incutindo um espírito de resignação no povo", mas, mesmo assim, não se apavora. Afinal, diz, "a Política não pode ir muito adiante do povo, senão fracassa. Assim acontece, também, com os artistas e intelectuais".

Em Taguatinga, os artistas receberam a notícia da morte de Tancredo na segunda noite de sua III Semana de Arte e Cultura, no Teatro da Praça. Fizeram uma breve homenagem ao Presidente morto e foram dispersando-se, aos poucos.

Ontem, José Fernández, do Teatro Rola Pedra, confessava-se "emocionado e triste com a perda do presidente Tancredo Neves". Ele conta que, pela primeira vez, sentia a dor de perder um Presidente. Quando JK morreu, confessa, não se interessava por política.

Hoje, prossegue Fernandez, "até as crianças estão sofrendo com a morte do Presidente. Jovens, antes isolados e desinteressados dos fatos políticos, comentam, em pequenas rodas, a dor de perder Tancredo Neves, num momento tão importante de nossa história".

O coordenador do Teatro Rola Pedra lembra que, no decorrer da III Semana de Arte e Cultura, Taguatinga homenageará o presidente Tancredo Neves, que soube reacender, no meio da juventude, a chama da democracia. "Antes de Tancredo, o que os jovens faziam? Que motivação tinham para a militância política? Depois da luta pelas diretas, quando os jovens participaram ativamente, o mais importante acontecimento do País foi a eleição de Tancredo Neves. Resta-nos torcer para que seu projeto político não seja interrompido".